

**EMPREENDEDORISMO FEMININO: ESTUDO NA CÂMARA DAS  
MULHERES EMPRESÁRIA DA ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE  
CRICIÚMA**

**FEMALE ENTREPRENEURSHIP: STUDY AT THE CHAMBER OF WOMEN  
ENTREPRENEUR OF THE CRICIÚMA BUSINESS ASSOCIATION**

Caroline Alves Pinheiro\*  
Almerinda Tereza Bianca Bez Batti Dias\*\*

**RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo compreender os desafios de escolher o empreendedorismo, o exercício do poder das empreendedoras à luz de Jonathan (2011) e como estão presentes os princípios da Divisão Sexual do Trabalho defendidos por Hirata e Kergoat (2007). Tratou-se de pesquisa qualitativa descritiva, com pesquisa de campo aplicada, por meio de entrevistas realizadas com três empreendedoras da Câmara da Mulher Empresária de Criciúma. Os dados coletados foram analisados no que tange ao empreendedorismo feminino, conforme os dois eixos apontados por Jonathan (2011) e sobre a Divisão Sexual do Trabalho pautada em Hirata e Kergoat (2007). Foram identificados os desafios de empreender – realização pessoal, responsabilidade social e a necessidade do mercado; desafios – cenário econômico, lacuna, e mudança na concepção das pessoas acerca do ramo de atuação; consequências – separação conjugal, não ter filhos, e pouco tempo disponível para família; e dificuldades – apoio para projetos, aceitação do mercado e impostos. Também foram identificadas as características relativas ao exercício de poder como liderança e mudanças sociais nas empreendedoras: persistência, apaixonadas, e visão social. Acerca da divisão sexual do trabalho, a desigualdade permanece, e as mulheres precisam se dedicar mais, para provar que são capazes no âmbito do trabalho, ou seja: na esfera pública.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo Feminino. Divisão Sexual do Trabalho. Gênero.

**ABSTRACT**

This paper aims to understand the challenges of choosing entrepreneurship, the exercise of entrepreneur power in the light of Jonathan (2011) and how the principles of the Sexual Division of Labor advocated by Hirata and Kergoat (2007) are present. This was a qualitative descriptive research, with applied field research, through interviews with three entrepreneurs from the Criciúma Women's Business Chamber. The data collected were analyzed with regard to female entrepreneurship, according to the two axes pointed out by Jonathan (2011) and the Labor Sexual Division based on Hirata and Kergoat (2007). The challenges of undertaking - personal fulfillment, social responsibility and the need of

---

\* Graduada em Administração de empresas pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc.  
[caroline\\_alves\\_pinheiro@hotmail.com](mailto:caroline_alves_pinheiro@hotmail.com)

\*\* Doutora em Administração, docente da Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc.  
[bianca@unesc.net](mailto:bianca@unesc.net)

the market were identified; challenges - economic scenario, gap, and change in people's conception about the field of action; consequences - marital separation, no children, and little time available for the family; and difficulties - support for projects, market acceptance and taxes. Also identified were the characteristics related to the exercise of power as leadership and social changes in entrepreneurs: persistence, passion, and social vision. Regarding the sexual division of labor, inequality remains, and women need to dedicate themselves more, to prove that they are capable in the work, that is: in the public sphere.

**Keywords:** Female Entrepreneurship. Sexual Division of Labor. Gender.

## **Introdução**

Greco *et al.* (2009, p. 27) esclarecem que o Brasil é o terceiro país mais empreendedor do G-20 se considerada a Taxa de Atividade Empreendedora Total (TAE). Tratando-se da estimativa de empreendedores desse grupo, os três países com maior número de pessoas envolvidas em alguma atividade empreendedora são atraentes, “na Índia são 76 milhões de pessoas, Estados Unidos, com 20 milhões, e o Brasil em terceiro com 14,6 milhões”.

Cabe ressaltar que os conceitos de empreendedorismo e de empreendedor obtiveram várias tentativas de definição na literatura. Este trabalho ancora o empreendedorismo como o fato de o empreendedor estar aberto para identificar problemas e oportunidades e estar dispostos a investir recursos e competências na criação de um negócio (CANTILLON, 2002).

Logo o tema empreendedorismo tem sido visto pela sociedade em geral, como fundamental veículo de inovação, crescimento e realização individual (BARROS; PASSOS, 2000). Segundo Fialho, Macedo, Montibeller e Mitidieri (2006), empreendedorismo é o processo e a capacidade de inovação que acontece em diferentes ambientes e situações empresariais, oportunizando o sucesso, por meio da execução realizada por empreendedores que eles próprios criam ou aproveitam ocasiões momentâneas, realizam atividades de valor agregado tanto para si próprios, quanto para a sociedade, ou seja, é a materialização de um sonho, de um almejo pessoal ou profissional. Cabe ressaltar que essa característica também se enquadra no empreendedorismo feminino.

Ao evidenciar o empreendedorismo feminino – temática central deste trabalho, observa-se que ele ganha espaço no Brasil e importância para a economia nacional e, também, desperta muito curiosidades pelo tema (DORNELAS, 2008). Verifica-se que,

cada vez mais, aumenta o empreendedorismo fomentado por mulheres, tornando, portanto, abundante a crescente das mulheres como empreendedoras (DAMASCENO, 2010). Sobre o empreendedorismo feminino, Machado (2002) pontua como característica o fato de que o processo de gestão das mulheres empreendedoras ou mulheres de negócios se preocupa em definir objetivos de forma clara para que toda a organização possa entender a busca por um estilo gerencial que promova a combinação das atividades realizadas com a satisfação de todos os envolvidos, buscando encorajar a participação, compartilhar poder e informação, estimular, valorizar e motivar os envolvidos no trabalho.

Articulando o empreendedorismo feminismo com os motivos que levaram as mulheres ao ambiente de trabalho, a escolarização das mulheres resultou em maiores conquistas, no entanto, ainda desiguais (ABRAMO, 2004). Andrade e Carvalho Neto (2015) esclarecem que foi a partir do século XIX registrada a maior participação da mulher como força de trabalho e indicam como uma das causas às mudanças na legislação do trabalho as quais contribuíram para que este público construísse carreira. Também se pode relatar a participação das mulheres na economia, cuja entrada é por meio de ações empreendedoras, nas quais elas colocam em prática os seus saberes, na maioria das vezes fruto de uma ação familiar e cultural. Outra questão é o fato de o crescimento na participação empreendedora nem sempre vinculada a uma ação profissional formalizada, e ainda com pouca ou nenhuma orientação de gestão, minimizando a possibilidade de valorização, mas presente no cenário e em busca de crescimento (NATIVIDADE, 2009).

Este trabalho busca compreender os desafios de escolher o empreendedorismo, o exercício do poder das empreendedoras à luz de Jonathan (2011) e como estão presentes os princípios da Divisão Sexual do Trabalho defendidos por Hirata e Kergoat (2007).

## **1 Referencial Teórico**

### **1.1 Empreendedorismo Feminino**

O tema empreendedorismo tem sido visto pela sociedade em geral e nas dimensões públicas, privada e no meio acadêmico, principalmente nos cursos de Administração (BARROS; PASSOS, 2000), como fundamental veículo de inovação, crescimento e realização individual. Empreender é um termo que está relacionado à criação de novas organizações, empresas, serviços, que iniciam pequenos e, aos poucos, vão crescendo, em algumas situações, chegam até o sucesso. Significa fazer diferente,

buscar oportunidades de negócios, tendo como alvo agregar valores sejam eles profissionais ou pessoais. Portanto, os empreendedores são pessoas que diariamente devem inovar motivar, crescer, tomar decisões, para continuar a empreender, não somente nos seus respectivos ambientes, mas viabilizando outras oportunidades (FIALHO *et al.*, 2006).

Feger (2004) define empreendedorismo como um processo dinâmico de criação e inovação por sujeitos como o empreendedor que se dispõe a assumir riscos. Segundo Fialho *et al.* (2006), empreendedorismo é o processo e a capacidade de inovação que acontece em diferentes ambientes e situações empresariais, oportunizando mudanças por meio de metas viáveis e alcançáveis para a consequente obtenção dos resultados positivos, por meio da execução realizada por empreendedores que geram ou aproveitam oportunidades de sucesso, que criam e realizam atividades de valor agregado tanto para si próprios, quanto para a sociedade.

Alguns procuram as diferenças entre o estilo de empreender desenvolvido por homens e por mulheres, outros buscam características de personalidade das empreendedoras, ou até mesmo a explicação para o sucesso obtido por mulheres de negócios (DORNELAS, 2008). O empreendedorismo feminino vem sendo objeto de vários estudos. Dada à natureza da evolução do papel da mulher na sociedade contemporânea e as peculiaridades associadas à condição feminina, muitas questões importantes despertam para investigação (VALE; SERAFIM; TEODÓSIO, 2011).

O Brasil conta com um contingente de mais de 5,7 milhões de mulheres empreendedoras, o que significa, aproximadamente, 8% da população feminina brasileira. Citar o termo mulheres empreendedoras no Brasil é falar de um grupo que, mesmo enfrentando dificuldades e preconceitos, não para de crescer, por isto a temática é pauta em diversos estudos. No Brasil, 73% são sócias de pequenas e médias empresas, mas, se forem levadas em consideração as empresas no formato MEI – Micro Empreendedor Individual, esse percentual sobe para 98,5% (OSÓRIO, 2016).

As diversas definições de empreendedorismo existentes não fazem distinção de gênero, no entanto, nos dias atuais, é perceptível a massa crescente feminina na população economicamente ativa (PEA), em que 67% correspondem às mulheres que trabalham e colaboram positivamente para a economia informal no Brasil e representam 42% dos empreendedores brasileiros (STROBINO; TEIXEIRA, 2014).

Vale, Serafim e Teodósio (2011) afirmam que as mulheres geralmente recorrem a laços mais próximos para suporte, também há relatos de dificuldades e semelhanças

encontradas nos entrevistados como a concorrência, a carga tributária elevada, e que é de suma importância quando se tem contatos, principalmente no início da carreira.

Jonathan (2011) esclarece que elas são altamente engajadas na inclusão de outras mulheres no ambiente social e profissional. Neste trabalho, os resultados indicam que elas não têm apoio familiar e acabam deixando de lado este ambiente, para dar maior atenção ao trabalho, devido ao planejamento do tempo, acaba conseqüentemente acontecendo à junção dos ambientes familiar e profissional.

Ficou evidente que elas são protagonistas de sua história, mas que também existe uma visão naturalizada dos gêneros, mesmo assim, elas não estão interessadas em fazer gênero de forma consciente (FERREIRA; NOGUEIRA 2013). No último, percebe-se o aumento significativo de conflitos entre trabalho e família, devido aos fatos de não terem apoio da família, a não definição do horário de trabalho, justamente à liberdade e à flexibilidade encontradas pelas mulheres empreendedoras.

Por terem um horário flexível de trabalho, essas mulheres misturaram horários de atividades domésticas com profissionais, por serem donas dos próprios negócios, envolveram-se intensamente com o trabalho, dedicando-lhe muitas horas, pois se sentem responsáveis pelo sucesso ou fracasso do empreendimento, no entanto satisfeitas (STROBINO; TEIXEIRA, 2014).

### **1.1 Divisão Sexual do Trabalho**

Cabe, antes de focalizar na abordagem da Divisão Sexual do Trabalho, trazer o conceito de gênero adotado neste trabalho. Entre os estudiosos sobre gênero, destaca-se Scott (1995), a qual esclarece que gênero não é sexo e é um artifício característico de relações sociais fundamentadas nas diferenças percebidas entre os sexos. Esclarece também que o gênero é uma forma principal de dar significado às relações, inclusive as de poder.

Ao trazer a discussão acerca da Divisão Sexual do Trabalho, verifica-se que a permanência da mulher no interior da casa, junto a seus filhos, familiares, agregados e escravos era uma característica da classe dominante no período colonial brasileiro. Diante dos dois papéis: mãe e esposa, a mulher vivenciava uma situação de dependência absoluta, primeiro na condição de filha, depois de esposa e seguida mãe. Esse comportamento era reforçado pelo fato de ela não pode ausentar-se do resso, porque deveria servir a casa quando necessário. E, no passado, as lojas, botecos entregavam em

casa as mercadorias impossibilitando a saída de casa das mulheres dona de casa (ROCHA-COUTINHO, 1994).

A história da mulher no Brasil inicia o percurso do trabalho feminino começando no período colonial, momento em que a maioria das mulheres tinha como papel na sociedade ser mãe e esposa. No final do século XIX, com o surgimento das escolas no Brasil, surge o magistério como uma possibilidade de estudo e trabalho para elas. De 1950 até os anos 1980, as mulheres deixam de atuar como força do trabalho secundária e passam a conquistar espaço no mercado de trabalho de forma mais qualificadas. Atualmente as mulheres mais do que nunca presente do mercado de trabalho, no entanto permanecem voltadas para o lar, mas também para a carreira profissional, buscando conciliar a atividade para a dupla jornada (ANDRADE; CARVALHO NETO, 2015).

A exploração da mulher pelo homem foi uma característica do regime patriarcal, que durou longo tempo no Brasil, ocorrendo também uma extrema diferenciação dos sexos. No sistema patriarcal, o homem possui todas as oportunidades, limitando a mulher ao serviço e direcionando a condição de doméstica e cuidados dos filhos – esfera privada. A extrema diferenciação do sexo feminino em “belo sexo” e o “sexo frágil” tornando a mulher artificial, subordinada ao marido (FREYRE, 2004).

Para Abramo (2007) no passado, a inserção ocupacional da mulher em postos de trabalho acontecia em momentos de crise econômica. Portanto, essa situação era de importante e necessária para ajudar a suprir a falta de rendimentos da família, em função da falta de trabalho para o marido, então surge à visão da mulher como uma força de trabalho secundária. Desde a industrialização no Brasil, essa ocorrência de saída das mulheres do mercado de trabalho sustenta a visão da mulher como força de trabalho secundária. A mulher sai da atividade econômica quando o homem consegue recuperar sua situação ocupacional, sendo assim uma situação instável para o sexo feminino (ABRAMO, 2007).

Depois da segunda Guerra Mundial, alguns fatores contribuíram para a emancipação da mulher brasileira. Um novo modelo do sexo feminino vigente nos países altamente prejudicados pela guerra chegava ao Brasil por meio da literatura. Inicia-se, na década de 1960, os pontos fracos do rígido modelo patriarcal brasileiro, influenciado pelo movimento feminista e o liberalismo. Era um novo modo de vestimenta, um comportamento mais liberal (BERTOLINI, 2002).

A participação feminina na área profissional intensificou-se a partir da década de 1970 com a economia se expandindo. Essa participação cresceu, na década de 1980 e na

primeira metade de 1990, com a rápida abertura econômica a partir do governo Collor (LEONE, 2000; SCORZAFAVE, 2001).

A mulher, então, consolida-se no mercado de trabalho, mas é perceptível uma sobrecarga relacionada à dupla jornada de trabalho, já que a mulher tendo que dar conta de cuidar da carreira profissional e pessoal (BRUSCHINI, 2000). Essa situação é a realidade da mulher atual, sobretudo nas sociedades de capitalismo avançado (BRUSCHINI, 2007). A divisão do trabalho, portanto, relaciona-se diretamente com o papel da mulher no processo reprodutivo, organizando a família internamente e colocando, assim, a mulher na organização doméstica (BRUHNS, 1995). Se antes o fator econômico foi essencial para a elevação da participação feminina, para alguns o trabalho deixou de ser uma atividade momentânea. Desse modo a mulher contemporânea está voltando tanto para o trabalho como para a família (BRUHNS, 1995).

As consequências da precarização e diferenciação são muito contrastantes entre mulheres e homens (HIRATA, 2011). Apesar de toda luta e toda a preparação para conseguir alcançar e ocuparem cargos altos escalão, as mulheres relatam a necessidade de investir cada vez mais no trabalho, forçam-se muito para provar que são capazes o tempo todo. Na visão das mulheres, as organizações ainda valorizam muito mais o trabalho masculino e, com isso, não são tão tolerantes aos erros das mulheres enquanto toleram os erros dos homens (ANDRADE; CARVALHO NETO, 2015).

A precarização do trabalho tem consequências diferenciadas para homens e mulheres. E as que entram recentemente no mercado de trabalho são mais atingidas pela precariedade do que os homens. Os trabalhos de Lombardi e Bruschini (2008) apresentam claramente que a porcentagem de trabalhadores precários mulheres é de aproximadamente 30% maior do que a porcentagem de trabalhadores precários homens de (aproximadamente 10%) (HIRATA, 2011).

Têm-se a dupla jornada, porque, além do trabalho fora de casa, há as atividades em suas residências, com as quais elas ainda se sentem comprometidas. Ainda hoje os homens não assumem, ou pelo menos dividem igual essa parte. Para eles, a mulher é a responsável, não entendem que atualmente as mulheres trabalham na esfera pública como eles. Esse procedimento desencadeia que as mulheres exercem dupla jornada, trabalham dentro e fora de casa (ANDRADE; CARVALHO NETO, 2015).

Retomando Hirata e Kergoat (2007), vale a pena destacar a maneira como as mulheres, mesmo plenamente conscientes da opressão, da desigualdade da divisão do trabalho, ainda assim, continuam a se incumbir do essencial desse trabalho doméstico,

inclusive entre as militantes feministas, sindicalistas, políticas, plenamente conscientes dessa desigualdade. A gestão do conjunto do trabalho delegado é sempre da competência daquelas que delegam. É preciso refletir não apenas sobre o porquê dessa permanência, mas, principalmente, sobre como mudar essa situação.

Elas querem ser bem-sucedidas no trabalho e, para isso, precisam submeter a muitas atividades como transferências de cidades, viagens a negócios, mas ainda estão ligadas e família e filhos, portanto, acaba, por vezes, limitando o crescimento dentro das organizações (ANDRADE; CARVALHO NETO, 2015).

## **2 Metodologia da pesquisa**

Utilizou-se a pesquisa qualitativa descritiva, cuja finalidade é explorar o espectro de opiniões e as diferentes representações sobre o assunto em estudo (MICHEL, 2015). Segundo Andrade (2006), na descritiva, os fatos são analisados, registrados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles, ou seja, deve ser estudado e não manipulado pelo investigador.

A pesquisa foi realizada na Associação Empresarial de Criciúma (ACIC), localizada na cidade de Criciúma – SC, com foco na Câmara da Mulher Empresária. A população foi composta pelas onze empreendedoras que compõe o núcleo da Câmara da Mulher Empresária de Criciúma ACIC. Foram realizadas entrevistas com três mulheres da Câmara da Mulher Empresária, na própria ACIC, no período de 24 a 30 de abril deste ano, que aceitaram participar da pesquisa.

A análise dos dados se deu qualitativamente considerando as características correspondentes aos dois eixos elaborados a partir do estudo de Jonathan (2011).

Quadro 1 - Características empreendedoras

<b>Eixos analisados</b>	<b>Questões norteadoras</b>	<b>Características empreendedoras</b>
<b>I - Sobre o desafio de escolher o empreendedorismo</b>	Motivação das mulheres para empreender	- Estabilidade financeira - Realização pessoal - Potencializar o conhecimento pessoal e profissional - Desafiador - Capacidade de decisão - Independência
	Consequências dessa opção	- Separação conjugal - Mudança de cidade - Filhos a idade antiga - Pouco tempo para a família

<b>Eixos analisados</b>	<b>Questões norteadoras</b>	<b>Características empreendedoras</b>
	Dificuldades enfrentadas pelas empreendedoras	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Múltiplas responsabilidades</li> <li>- Empreender no Brasil (formalização, impostos)</li> <li>- Burocracia</li> <li>- Crédito, serviços financeiros</li> <li>- Empecilhos associados à dupla/tripla jornada de trabalho</li> <li>- Discriminação</li> <li>- Barreiras devido o gênero</li> </ul>
<b>II – Sobre o exercício do poder pelas empreendedoras</b>	Características de liderança no empreendedorismo feminino	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Comprometidas com seus empreendimentos</li> <li>- Apaixonadas</li> <li>- Otimistas no exercício da liderança</li> <li>- É forte a presença de mulheres trabalhando nos seus empreendimentos</li> <li>- Constroem bons relacionamentos</li> <li>- interativa</li> <li>- Trabalham junto sem hierarquia</li> </ul>
	Empoderamento de mulheres e as mudanças sociais observadas no empreendedorismo social feminino	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Empreendedoras sociais empoderam a população feminina</li> <li>- Apoiam emocionalmente, promovem diretamente sua inclusão social e profissional delas</li> <li>- Resgate da autoestima</li> <li>- Assistência</li> <li>- Fomentam o desenvolvimento pessoal, profissional das mulheres</li> </ul>

**Fonte:** Jonathan (2011)

Com relação ao objetivo de articular as características empreendedoras das entrevistas com a abordagem da Divisão Sexual do Trabalho, a análise se deu conforme os princípios desta abordagem apontados por Hirata e Kergoat (2007). As empresárias entrevistadas são identificadas por ordem de realização das entrevistas: 1, 2 e 3.

### **3 Resultados e análises**

#### **3.1 Características Empreendedoras**

Inicialmente, foram percebidos os motivos que levaram as mulheres investigadas ao empreendedorismo foram distintos: desde a realização pessoal, a responsabilidade social, desligamento da empresa, as necessidades do mercado, desejo de dar continuidade do trabalho e agregar com a atividade que o marido já desenvolvia. "Resolvi empreender por muito mais realização pessoal e a questão de responsabilidade social." [E1]; "Eu fui

demitida e não queria ser mais empregada, então montei uma empresa." [E2]; "Eu resolvi fazer a advocacia [...] para trabalhar com o marido." [E3]. A figura 1 sintetiza os motivos, desafios, consequências e dificuldades relatadas pelas pesquisadas para empreender.



Figura 1 - Características empreendedoras

Fonte: Dados da pesquisa

Quanto à decisão do ramo de atuação, relataram que: “Comecei a perceber que tinha uma lacuna na área de gestão de pessoas [...] também identificação e realização, eu senti que me realizava cuidar das pessoas” [E1]; “eu trabalhava na empresa na área de administrativa, na área de compras [...] a gente pensou montar essa assessoria e consultoria nessas áreas” [E2]. Cappelle, Melo e Brito (2004) defendem que as modificações nos papéis sociais femininos e masculinos vêm abalando os quadros de referência que direcionam as relações de gênero e, conseqüentemente, os aspectos sociais. E ainda afirmam que a crescente inserção feminina nas organizações tem alterado o comportamento das pessoas nas relações de trabalho. As mulheres estão conquistando espaço em muitas atividades, mas, mesmo com melhores níveis de escolaridade que os homens, ainda recebem menos e têm menores oportunidades de crescimento nas organizações.

Os desafios que elas tiveram ao longo da trajetória são semelhantes, como o cenário econômico, muitos impostos e as consequências desta opção, no estudo da Jonathan (2011), ficaram claro que as pesquisadas enfatizaram as consequências positivas como a satisfação pessoal. Neste estudo, as investigadas dão maior peso para as consequências negativas, bem como: não ter tempo para família, porque desenvolve múltiplos papéis.

Na situação atual, sabe-se que, para empreender, existem muitos empecilhos e dificuldades, que também foram encontradas pelas investigas neste estudo. Como foi citado, existe uma carência de apoio para projetos organizacionais, são cobrados muitos impostos, muitas leis que desestimulam um empreendimento, como questões trabalhistas, sindicais que dificultam para os empresários. Há relatos que se fosse mais seguro poderia empreender mais, também a questão de aceitação no mercado de trabalho, a credibilidade, porque a mulher precisa provar que é capaz de tal atividade, é preciso de referência para conseguir uma oportunidade porque nem sempre é por mérito do conhecimento e experiência, existe também discriminação no meio empresarial. “Muitos impostos [...] a gente poderia estar empreendendo mais se fosse seguro” [E1]; “primeiro é a aceitação [...] Tu tens que provar que tu és capaz” [E2].

Tais questões de gênero indicam a desigualdade entre mulheres e homens tanto na esfera privada quando na pública. Analisa-se que, apesar das transformações dos papéis das mulheres e dos homens, em meio familiar - privado, quanto no meio de trabalho - público, ainda existe e é visível o desequilíbrio entre o masculino e o feminino em vários aspectos (CALÁS; SMIRCICH, 1996).

Normalmente para conseguir e escalar uma carreira de sucesso profissional e pessoal é necessário o apoio da família, acontece que nem sempre elas podem contar com esta ajuda, e então acaba que este caminho fica um pouco mais carregado e cansativo, é necessário ter muita coragem e persistência para conseguir alcançar os objetivos, que uma vez almejado. “Sempre tive apoio familiar, nestes últimos momentos, eles estão dizendo para mim veja bem, dá uma analisada que está difícil” [E1]; “No começo não tinha apoio, foi muito difícil no início com a família, principalmente com o marido meu casamento encerrou porque ele não aceitou a escolha, pelo próprio fator de eu ter certa independência”

Juntamente com a escolha da carreira empreendedora, surgem às consequências que nem sempre são positivas. Há também aquelas que são dolorosas e acabam acontecendo neste processo. Inicialmente as empreendedoras novamente tiveram alguns resultados semelhantes, e outros bem distintos, como por exemplo, a separação conjugal e não ter filhos, ou ter filhos com idade avançada, as três relatam não ter tempo para a família, uma entrevistada foi no início da trajetória, e outras até hoje a situação é presente no cotidiano. “Uma delas é não pode ter filhos” [E1]; “casamento encerrou porque ele não aceitou a escolha”.

Almeida, Antonialli e Gomes (2011) atribuem proatividade, dinamismo,

capacidade de planejamento e de inovação, habilidade de lidar com pessoas, espírito de liderança entre outros fatores como fundamentais na busca de diferenciação e competitividade no mercado, as quais são presentes na forma de trabalhar das mulheres. Os autores enfatizam que as mulheres estão abrindo organizações a uma taxa duas vezes maior do que os homens.

Quanto às características como empreendedoras, duas tiveram muita persistência na sua trajetória de vida, atualmente bem-sucedidas, foram protagonistas das suas histórias. As características que contribuíram para o sucesso empresarial foram: “sou muito persistente, visionária, uma pessoa que quer inovar, que pensa no social, no agregar para a cidade para as pessoas, para os profissionais. Corro riscos calculados” [E1].

O Brasil já conta com um contingente de mais de 5,7 milhões de mulheres empreendedoras, o que significa, aproximadamente, 8% da população feminina brasileira. Citar o termo mulheres empreendedoras no Brasil é falar de um grupo que, mesmo enfrentando dificuldades e preconceitos, não para de crescer, por isso é assunto em pauta em diversos estudos. Segundo Osório, no Brasil, 73% são sócias de pequenas e médias empresas, mas se levarmos em consideração as empresas no formato MEI – Micro Empreendedor Individual, esse percentual sobe para 98,5% (OSÓRIO, 2016).

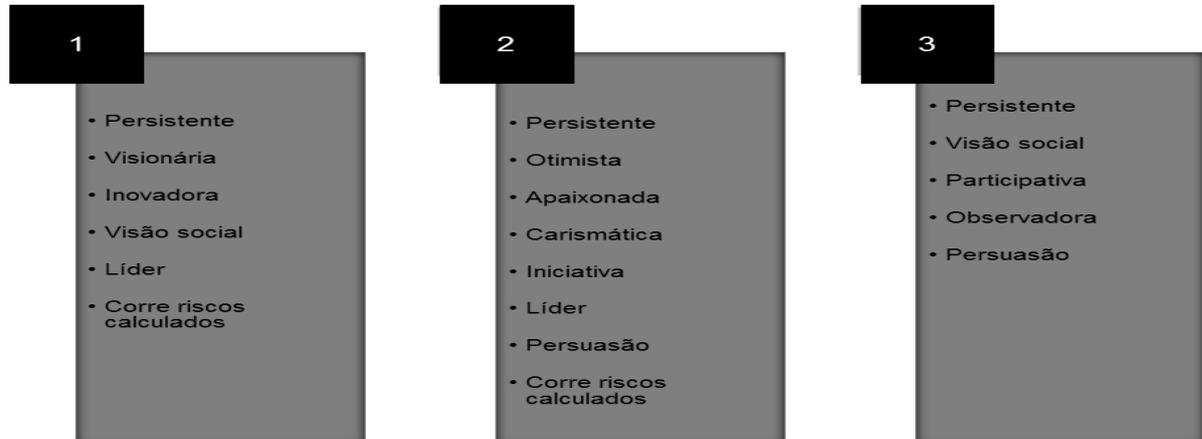


Figura 2 - Características de liderança das empreendedoras

**Fonte:** Dados da pesquisa

Os dados indicam que essas características contribuíram para delegar com excelência seus subordinados, atributos que colaboraram para o relacionamento deles. As investigadas relataram ter bom convívio com seus parceiros, são participativas e posicionadas, transmite confiança, motivam e influenciam para o crescimento pessoal, existe um coleguismo, assim como tudo é colaboração para efetivar um trabalho produtivo e prazeroso. “Eu me posiciono, outros momentos eu ouço, sou bem

participativa, tem vezes que ponho a mão na massa” [E1]; “Todos confiavam em mim [...] poder de influência que eu tinha sobre eles” [E2].

Essas empresárias são também voltadas para o ambiente social, estão engajadas em projetos sociais que apoiam a população e promovem a inclusão feminina, fomentam o desenvolvimento de outras mulheres. Em seus projetos que lideram ou participam, estas geram o empoderamento feminino. “Procuro sempre fazer essa ponte” [E1]; “Faço parte da câmara da mulher empresária, e agora eu estou na comissão dos direitos da mulher” (E2); “É realmente fazer com que essas mulheres despertem para seu potencial de participação na sociedade” (E3).

Nesta pesquisa, os dados sugerem o resultado que, ao se tratar do motivo que levaram as mulheres ao empreendedorismo, as opiniões delas são semelhantes, as três afirmaram que é a independência, seguido a realização pessoal. “Ser mais independente” [E1]; “É a autonomia, credibilidade, realização pessoal” [E2]; “O que leva as mulheres ao empreendedorismo é a satisfação pessoal” [E3]. É interessante comparar com o estudo da Jonathan (2011). As investigadas da Jonathan (2011) se dedicam a construir bons relacionamentos internos e externos, que é uma forma de exercer a liderança. Baseadas em relações afetuosas e respeitadas, as empreendedoras exercem uma liderança participativa, pautada pela ética, sinceridade e confiança. Dessa forma, fica evidente que a liderança das empreendedoras se caracteriza com uma visão socializada e de cooperação. Neste caso, pode-se dizer que os resultados desta pesquisa ratificam os achados de Jonathan (2011). Os resultados obtidos em parte também ratificam os achados de Castro, Braz e Freitas (2019).

Tratando-se de empoderamento, as empreendedoras da Jonathan (2011) são voltadas para o empreendedorismo social, igualmente as empresárias deste estudo as quais proporcionaram apoio emocional, resgate e fortalecimento da autoestima das mulheres. Portanto, analisam-se os resultados, e eles sugerem que são também empreendedoras sociais as quais promovem a inclusão social e profissional. Para acrescentar, estas estão provocando-as para futuramente também dar continuidade neste trabalho de empoderamento, o movimentando está alcançando várias mulheres para essa carreira empreendedora, sendo assim conseqüentemente causam as mudanças sociais no meio em que estão inseridas. Elas sabem das barreiras que enfrenaram nesta trajetória, provem esses atos a fim de contribuir para o futuro. Está crescendo a participação empreendedora, mesmo que nem sempre vinculada a uma ação profissional formalizada,

e ainda com pouca ou nenhuma orientação de gestão, minimizando a possibilidade de empoderamento, mas presente e em busca de crescimento (NATIVIDADE, 2009).

Segundo Osório (2016), muitas vezes a barreira são elas mesmas, por falta de confiança em si, é por isso, que é preciso se trabalhar o lado da autoconfiança das novas empreendedoras para que elas possam dar vazão às suas ideias e iniciativas sem receio de errar. Atualmente elas já representam 53% de todas as iniciativas para abertura de empresas no país.

### **3.2 Características pelo olhar da Divisão Sexual do Trabalho**

Com relação ao Eixo 1 - sobre o desafio de escolher o empreendedorismo, ao analisar os respectivos fatores, percebe-se o desejo de elas estarem na dimensão pública, cuja motivação e desafios se deram por motivos diversos, mas que levam ao objetivo comum de contribuir financeiramente em casa, mas também a própria realização pessoal mulher. Esse fator é confirmado pelos dados do perfil das entrevistas, em que duas delas – 70 e 50% - têm grande parte do seu rendimento comprometido com as despesas da casa. Então, embora a remuneração da mulher seja tida como auxílio a manutenção da família, ela contribui substancialmente a isso.

Abramo (2004, 2007) expôs que a imagem da mulher como força de trabalho secundária está presente no imaginário: social, empresarial, sindical, das próprias mulheres e dos responsáveis pelas políticas públicas, resistindo a muitas mudanças ao longo das décadas. Ou ainda a necessidade de auxiliar a família com recursos financeiros, bem como pela oportunidade que teve. No entanto, essa opção traz consequências, porque a imagem da mulher empreendedora não “combina” com as atribuições da esfera privada e, por isso, elas são as maiores lesadas nesta situação de diversas formas, como a separação, ter que abdicar ter filhos, dupla jornada, uma das entrevistas relatou que sofreu algum tipo de preconceito, uma vez que foi tratada com desigualdades devido ao gênero. “Primeiro é a aceitação, a credibilidade do nosso trabalho, tu tens que provar que tu és capaz, para consegui [...] no começo não tinha apoio, foi muito difícil no início com a família, principalmente com o marido meu casamento encerrou porque ele não aceitou a escolha, pelo próprio fator de eu ter certa independência, lidar com homens, ter que sair, por eu ter que de repente não ficar só cuidando só das casas e dos filhos, e mesmo assim eu cuidava da casa eu cuidava dos filhos” [E2].

Com relação ao **Eixo 2 - sobre o exercício do poder das empreendedoras**, ele se materializa pelas características de liderança, empoderamento das mulheres e, como consequência, o apoio ao empreendedorismo social feminino. Essas mulheres, diante da desigualdade inclusive no ambiente de trabalho – esfera pública, vêm-se imposta a ter atitudes “fortes” a fim de conseguirem se colocar como empreendedoras e manterem-se no mercado de trabalho, dessa maneira, tornam-se líderes, mas não perdem o foco social. Essa liderança as torna realizadas como pessoa e faz com que tenham uma carreira bem-sucedida. Ely (1999) afirmou que as relações de gênero, na forma de anti-opressão, são externalizadas por meio das práticas sociais que aumentam a consciência das assimetrias de gênero e poder das pessoas e como tais desequilíbrios limitam a escolha e possibilidade em suas vidas e de outras pessoas.

As empreendedoras promovem atos sociais que levam outras mulheres ao empoderamento por meio de projetos sociais os quais são voltados para a inclusão feminina e fomentam o desenvolvimento de mulheres. Elas demonstraram que precisam de mais apoio familiar e profissional, sendo assim, o “fardo” que carregam ficará mais leve, tudo porque tomaram a decisão de se tornar mulheres de sucesso, precisam ser vistas diferente. “As dificuldades, eu vejo assim, mais apoios de projetos [...] também fazem com que a gente tenha dificuldades, que às vezes assim a gente poderia estar empreendendo mais se fosse seguro” [E1]. Bruschini (2000) salienta que a mulher vem ocupando espaços sociais, culturais e profissionais tradicionalmente destinados apenas aos homens, provocando uma mudança que induz à redução da hierarquia de gênero nas relações conjugais, também nas demais relações sociais e, conseqüentemente, no trabalho.

### **Considerações finais**

A principal contribuição desta pesquisa foi articular na mesma pesquisa a análise dos dados sob a ótica de duas abordagens teóricas que envolvem as mulheres: Empreendedorismo Feminino e Divisão Sexual do Trabalho a fim de levar a reflexão de que “tudo muda, mas nada muda” (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 597). Logo ainda se tornam importante estudos que envolvem a dificuldades e desigualdades de gênero.

Acerca dos motivos e desafios – Eixo I – que levaram as mulheres ao empreendedorismo, verificou-se que elas buscavam realização pessoal, mas também havia o desejo de não ser funcionária de uma empresa, também a questão da

responsabilidade social, oportunidade que surgiu no mercado e, ainda, a influência da família para dar continuidade ao negócio da família. Os desafios encontrados foram: a questão da área de atuação, o ter que buscar conhecimento e o atual cenário brasileiro.

Focalizando o Eixo II, foram percebidas fortes características de liderança, empoderamento e participação em atividades sociais que levam as mulheres ao empoderamento. São mulheres persistentes e otimistas, que buscam constantemente melhores resultados.

Com o propósito de articular as características empreendedoras das entrevistas com a abordagem da Divisão Sexual do Trabalho, percebeu-se que a desigualdade de gênero permanece e que a mulher pode ir para esfera pública, mas tem que continuar nas dependências da esfera privada também e tem que dar conta das atividades das duas dimensões: pública e privada, além de ter que se dedicar mais que os homens para provar sua competência. Com a consolidação da mulher no mercado de trabalho, é perceptível uma sobrecarga relacionada à dupla jornada de trabalho, já que a mulher tendo que dar conta de cuidar da carreira profissional e pessoal (BRUSCHINI, 2000).

Portanto, pode-se dizer que mulher empreendedora é, ao mesmo tempo, singular e histórica. Ela não é determinada pelas condições sociais e históricas, mas é capaz de agregar sua subjetividade na geração de sentidos e significados em seus diferentes sistemas de relação (FERREIRA; NOGUEIRA, 2013).

## **Referências**

ABRAMO, L. W. Inserción laboral de las mujeres en América Latina: ¿una fuerza de trabajo secundaria? **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 224-235, 2004.

ABRAMO, L. W. **A inserção da mulher no mercado de trabalho**: uma força de trabalho secundaria? 2007. 328 p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ALMEIDA, I. C.; ANTONIALLI, L. M.; GOMES, A. F. Comportamento estratégico de mulheres empresárias: estudo baseado na tipologia de Miles e Snow. **Revista Ibero-Americana de Estratégia**, v. 10, n. 1, p. 102-127, 2011.

ANDRADE, J. O.; CARVALHO NETO, A. **Mulheres profissionais e suas carreiras sem censura**: estudos sob diferentes abordagens. São Paulo: Atlas AS, 2015.

ANDRADE, M. M. **Introdução a metodologia do trabalho científico**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

BARROS, M. J. F.; PASSOS, E. S. Remendando a favor da maré: racionalidade instrumental no curso de administração de empresas. **Organização e Sociedade**, v. 7, n. 19, p. 161-174, 2000.

BRUHNS, H. T. Corpos femininos na relação com a cultura. *In*: ROMERO, E. (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papirus, 1995. p. 71-98.

BRUSCHINI, C. Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? (Brasil, 1985/95). *In*: ROCHA, M. I. B. **Trabalho e gênero: mudanças, persistências e desafios**. Campinas: ABEP, NEPO/UNICAMP e CEDEPLAR/UFMG. São Paulo: Ed. 34, 2000. p. 1-32

BRUSCHINI, C. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. Fundação Carlos Chagas, Grupo de Pesquisa Socialização de Gênero e Raça. **Caderno de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 537-572, 2007.

CALÁS, B.; SMIRCICH, L. From “the woman’s” point of view: feminist approaches to organizations studies. *In*: CLEGG, S. *et al.* **Handbook of organization studies**. London: Sage, 1996. p. 218-257.

CALÁS, M. B.; SMIRCICH, L. Do ponto de vista da mulher: abordagens feministas em estudos organizacionais. *In*: CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, W. R. (Org.). **Handbook de estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1999. V. 1. p. 275-329

CANTILLON, R. **Ensaio sobre a natureza do comércio em geral**. Curitiba: Segesta, 2002.

CAPPELLE, M. C. A.; MELO, M. C.; O. L. BRITO, M. J. DE. Uma análise da dinâmica do poder e das relações de gênero no espaço organizacional. **RAE-eletrônica**, v. 3, n. 2, p. 1-17, 2004.

CASTRO, J. C. S.; BRAZ, A. F; FREITAS, D. M. Empreendedorismo feminino: um estudo de caso realizado na Câmara da Mulher Empreendedora de Viçosa-MG. **Empreendedorismo, Gestão e Negócios**, v. 8, n. 8, p. 515-542, 2019.

DAMASCENO, L. D. J. **Empreendedorismo Feminino: um estudo das Mulheres Empreendedoras com modelo proposto por Dornelas**. 2010. 59 f. Monografia (Especialização em Administração de Empresas) - Faculdade 7 de Setembro, Fortaleza, 2010.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

FEGER, J. E. Empreendedores sociais e privados: existem diferenças? *In*: ENAPG, 1., **Anais [...]**, Rio de Janeiro, 2004.

FERREIRA, J. M.; NOGUEIRA, E. E. S. Mulheres e suas histórias: razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino. **Rev. adm. contemp.**, v. 17, n. 4, p. 398-417, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v17n4/a02v17n4.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2018.

- FIALHO, F. A. P.; MACEDO, M.; MONTIBELLER, G.; MITIDIERI, T. C. **Empreendedorismo na Era do Conhecimento**: como estimular e desenvolver uma cultura empreendedora alicerçada nos princípios da Gestão do conhecimento e da sustentabilidade. Florianópolis: Visual Books Ltda, 2006.
- GRECO, S. M. S. S. *et al.* **Empreendedorismo no Brasil**. Curitiba: IBQP, 2009.
- HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cad. Pesqui.**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2018.
- HIRATA, H. Tendências recentes da precarização social e do trabalho: Brasil, França, Japão. **Cad. CRH**, v. 24, n. 1, p. 15-22, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v24nsp1/a02v24nsp1.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2018.
- JONATHAN, E. G. Mulheres empreendedoras: o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder. **Psicol. clin.**, v. 23, n. 1, p. 65-85, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v23n1/a05v23n1.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2018.
- LEONE, E. T. Renda familiar e trabalho da mulher na região metropolitana de São Paulo nos anos 80 e 90. *In*: ROCHA, M. I. B. (Org.) **Trabalho e gênero**: mudanças, persistências e desafios. Campinas: ABEP, NEPO/UNICAMP e CEDEPLAR/UFMG. São Paulo: Ed. 34., 2000. p. 1-28.
- LOMBARDI, M. R.; BRUSCHINI, C. Trabalho feminino no Brasil no final do século: ocupações tradicionais e novas conquistas. *In*: HIRATA, H.; SEGNINI, L. (Orgs.) **Organização, trabalho e gênero**. São Paulo: Ed. SENAC, 2008.
- MACHADO, H. V. **Identidade empreendedora de mulheres no Paraná**. 2002. 192 p. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.
- NATIVIDADE, D. R. Empreendedorismo feminino no Brasil: políticas públicas sob análise. **Rev. Adm. Pública**, v. 43, n. 1, p. 231-256, 2009.
- NEDER, G. Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. *In*: KALOUSTIAN, S. M. **Família Brasileira, a base de tudo**. 5. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 2002.
- OSÓRIO, J. Os desafios do empreendedorismo feminino. **Mulheres empreendedoras**. 2016. Disponível em: <https://www.mulheresempreendedoras.net.br/desafios-do-empreendedorismo-feminino/>. Acesso em: 11 dez. 2019.
- SCORZAFAVE, L. G. S. **A evolução e os determinantes da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro**. 2001. 76 p. Dissertação (Mestrado em Teoria

Econômica) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

STROBINO, M. R. C.; TEIXEIRA, R. M. Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicasos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. **Rev. Adm. (São Paulo)**, v. 49, n. 1, p. 59-76, 2014.

VALE, G. M. V.; SERAFIM, A. C. F.; TEODOSIO, A. S. S. Gênero, imersão e empreendedorismo: sexo frágil, laços fortes? **Rev. adm. contemp.**, v. 15, n. 4, p. 631-649, 2011.